



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

ILÈ ANU: O PROCESSO PEDAGÓGICO-MUSICAL DE UM GRUPO DE MÚSICA PERCUSSIVA EM UMA INSTITUIÇÃO ESPÍRITA

Jean Oliveira Brito*¹, Dra. Catherine Furtado dos Santos², João Luís Soares Studart Guimarães³,
Dr. Pedro Rogério², Marcelo Anderson da Costa Holanda⁴, Dr. Carlos Antonio Fontenele
Mourão⁵ and Ibbertson Nobre Tavares²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; ²Universidade Federal do Ceará - UFC; ³Universidade Federal do Cariri – UFCA; ⁴Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE; ⁵Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

ARTICLE INFO

Article History:

Received 20th February, 2022
Received in revised form
18th March, 2022
Accepted 9th April, 2022
Published online 27th May, 2022

Key Words:

Educação musical. Percussão.
Projeto social.
Processo pedagógico-musical.

*Corresponding author: Jean Oliveira Brito,

ABSTRACT

Esta comunicação é um recorte da pesquisa em andamento sobre o grupo de música percussiva Ilê Anu, que faz parte do projeto social Casa da Música, da instituição espírita Casa da Caridade Dr. Adolph Fritz, da cidade de Fortaleza (CE). O objetivo deste trabalho é analisar o processo pedagógico-musical desta formação musical, a partir de uma entrevista semiestruturada realizada com a sua fundadora, levando em consideração o seu contexto. Para isto, toma-se como base os estudos de Santos (2013), Guerreiro (2000) e Kleber (2006). Considera-se, de maneira preambular, que o processo pedagógico-musical do Ilê Anu pode ser entendido como parte da dinâmica social, associada ao caráter particular da instituição religiosa que o sedia.

Copyright © 2022, Jean Oliveira Brito et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Jean Oliveira Brito, Dra. Catherine Furtado dos Santos, João Luís Soares Studart Guimarães, Dr. Pedro Rogério, Marcelo Anderson da Costa Holanda, Dr. Carlos Antonio Fontenele Mourão and Ibbertson Nobre Tavares. "Ilê anu: o processo pedagógico-musical de um grupo de música percussiva em uma instituição espírita", *International Journal of Development Research*, 12, (05), 56198-56201.

INTRODUCTION

O presente texto é um breve recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação Musical, em andamento, cujo objetivo é analisar a formação educativa dos membros do grupo de música percussiva Ilê Anu, que faz parte do projeto social Casa da Música, da instituição espírita Casa da Caridade Dr. Adolph Fritz (CDC)¹. Neste projeto, voluntários ministram aulas de instrumentos musicais, com turmas de violão e práticas percussivas, para a comunidade. Tal ação integra uma das atividades desenvolvidas pela entidade religiosa, que oferece trabalhos de cirurgia espiritual, evangelização etc, desde sua fundação, no ano de 2000. É importante frisar que a CDC é localizada no Jangurussu, bairro da zona periférica da cidade de Fortaleza (CE), conhecido por ser habitado por um grande número de pessoas na condição de extrema pobreza², baixa renda e de alta vulnerabilidade

de risco. Nesse sentido, Santos (2013, p. 23) destaca, ao falar sobre os contextos percussivos da cidade, que além de maracatus, novos grupos foram surgindo, a medida que “aumentou a criação das oficinas e dos projetos percussivos, tanto particulares (acesso privado), como em Organizações Não-Governamentais – ONGs (acesso público)”. Nestes últimos, a atividade que envolve a percussão tem contribuído para um processo de inclusão social de pessoas de diversas realidades. O Ilê Anu caracteriza-se como um espaço que promove a educação musical através da percussão, e atende dezenas de pessoas, que, com o passar do tempo, começaram a trazer relatos de que o momento da prática percussiva operava como uma terapia para elas. Sendo assim, no período em que iniciei o trabalho como regente do grupo, este tópico me chamou bastante atenção. Isto posto, este trabalho visa apontar o processo pedagógico-musical do grupo, a partir de uma entrevista semiestruturada³ realizada com a sua fundadora, levando em

¹A Casa da Caridade Dr. Adolph Fritz foi criada no ano de 2000 para dar continuidade aos trabalhos de cirurgia espiritual, evangelização e distribuição de sopa, desenvolvidos por uma equipe de trabalhadores no município de Maranguape (CE) nos anos de 1995 a 1999.

²Estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia econômica do Ceará

(IPECE). O documento faz uma investigação da distribuição da extrema pobreza pelos bairros de Fortaleza (CE), baseado em informações extraídas do Censo 2010.

³Entrevista concedida a mim, em 2017, para a elaboração de uma matéria de acesso aberto e gratuito, produção acadêmica do Programa de Educação

consideração seu contexto particular de um projeto social sediado em uma instituição religiosa⁴.

A percussão na Casa da Caridade: Em meados do ano 2016, Catherine, professora do curso de licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará (UFC), foi à Casa da Caridade Dr. Adolph Fritz (CDC), com o intuito de fazer uma cirurgia espiritual. A partir disso, frequentou a instituição de forma esporádica, atuando em seus vários projetos sociais, incluindo o Casa da Música, que oferecia aulas de violão. Com o decorrer do tempo, surgiu o plano de montar uma turma de práticas percussivas, que concretizou-se tempo depois. Com isto, foi formado um grupo, com aproximadamente vinte integrantes, que passou a reunir-se semanalmente.

Neste ponto, é importante colocar que os grupos percussivos no Brasil se configuram, principalmente, como manifestações de rua e “são formados com um sentido funcional de acordo com as necessidades do grupo social” (SANTOS, 2013, p. 23). Com isso, um fator importante a ser levado em consideração é que a música não se restringe ao contexto escolar, ao passo que reconhecemos as “contribuições do conhecimento pedagógico-musical para a formação dos indivíduos contemporâneos”.

Múltiplos espaços estão se configurando como locais onde ocorrem trocas de informações e aprendizagens musicais, não se limitando mais ao espaço institucional das escolas. A compreensão de Educação Musical para além das dimensões do espaço escolar, adequada à sociedade, na qual todos os lugares são lugares de aprendizagem, traz uma visão epistemológica condizente com a aproximação da aula de música às diversas realidades socioculturais vividas (DA COSTA, 2016, p. 20).

Ao discutirmos a inserção de práticas percussivas na CDC, apontamos que esta trata-se de uma instituição religiosa. Sobre este assunto, Catherine, fundadora do Ilê Anu, declara que “a Casa da Caridade sempre foi uma casa muito aberta em relação às outras religiões. Eles [trabalhadores da instituição] são da doutrina espírita, kardecista, mas eles respeitam as outras linhas de religião, como da umbanda, do candomblé” (CATHERINE, 26/08/2017). Com isso, o tambor, instrumento representativo desta formação percussiva, passou a integrar não só as atividades do grupo de percussão, como também de alguns dos tratamentos realizados na Casa.

Dentre os tratamentos ofertados pela Casa estão os trabalhos de limpeza espiritual, como o TVN (tratamento pelas vibrações da natureza); o ADT (direcionado à recuperação de pessoas com problemas de angústia, ansiedade, depressão e tristeza); e a cirurgia espiritual. Além destes, há procedimentos complementares, como o *reiki* e a cromoterapia⁵. Neste tópico, Santos explana sobre como se dão procedimentos desta natureza em espaços como a CDC:

[...] os tratamentos espirituais realizados nos centros espíritas não fazem distinção de pessoas por cor, gênero, profissão ou situação socioeconômica-política. Quem busca esse tipo específico de tratamento é solicitado a comparecer no dia da triagem para ser atendido por um dos médiuns, triador e orientador. Dependendo do centro espírita, a pessoa poderá encontrar metodologias diferentes para a realização do tratamento espiritual (SANTOS, 2009, p. 123).

Depois do início do projeto de práticas percussivas, a percussão foi

inserida em atividades da Casa da Caridade, que antes funcionavam apenas com acompanhamentos de voz e violão, assim como relata Catherine:

E o que eu achei interessante é que eles sempre tiveram uma tendência a essa questão do tambor presente nessas atividades, por conta do próprio ritual de limpeza. E me parece, eu não tenho certeza, que depois do grupo de percussão, o tambor passou a entrar com mais firmeza nessas atividades. Então, hoje no TVN tem a presença do atabaque, no DTR, não sei dizer na apometria. Esses dois trabalhos fortes da Casa possuem tambor. Inclusive, eu passei um período tocando com eles. Então eu vi que a percussão estava inserida, também, nessas atividades. Essas atividades já existiam, mas sem tambor. Tinham algumas pessoas cantando, e no máximo algum violão (CATHERINE, 26/08/2017).

A turma de práticas percussivas iniciou no final da segunda metade do ano de 2016 e, em seu primeiro encontro, reuniu dezenas de pessoas, conduzidas pela regente Catherine. Em suas primeiras experiências como docente e voluntária da instituição, as possibilidades de instrumentos eram insuficientes e a educadora utilizou-se de estratégias didáticas para proporcionar o exercício de musicalização nos diversos projetos sociais da Casa. Até a formação do grupo, contou com a assistência de trabalhadores da instituição e amigos.

[...] quando eu comecei com a ideia das aulas de percussão, com o apoio do pessoal da Casa da Caridade, começou a surgir um monte de instrumentos, começaram a surgir doações, lembrei de amigos que poderiam fazer parceria com a gente. Um amigo baterista doou uma caixa de baquetas. Me encontrei com o Rossano, percussionista e foi uma felicidade, porque eu disse: “Rossano, essa sexta, eu vou começar a dar aula de percussão” e logo ele tomou a ideia também. O Hermetak já dava aulas de música lá. Aí, se juntou nós três, com o apoio do Diego, do Fabiano, da Tatiara. Aí, o Diego fez a divulgação; eu levei minha bateria para lá, peguei a minha bateria e distribuí os tambores da bateria como se fossem da batucada; comecei a pedir instrumentos; o que eu tinha em casa de zabumba, de alfaia, comecei a levar; peguei instrumentos emprestados da UFC; aí, a aula aconteceu (CATHERINE, 26/08/2017).

Em relação ao termo *batuque*, utilizado pelo Ilê Anu para designar a sua formação musical, Guerreiro (2000) nos elucidou ao comentar que ele representa um estilo musical do período colonial, feito pelos negros escravizados e libertos, que durou até o início do século XX. Além disso, menciona que o nome “foi empregado para todas as manifestações de um repertório musical acompanhado de percussão, que se relaciona diretamente com a dança e o canto, e tem origem na África” (GUERREIRO, 2000, p. 67-8). De mesma forma, Fortaleza (2012, p. 12 e 26) aponta que a expressão é “utilizada para denominar um agrupamento de pessoas que tocam instrumentos de percussão nos grupos de *maracatus*”, assim como associa-se ao “instrumento, a dança e a música de origem africana ou também expressão relacionada à religião do candomblé”. Percebemos com isso, o caráter polissêmico da palavra, que é atribuída aos grupos de música percussiva, assim como ao Ilê Anu. Com o passar do tempo, a turma passou a produzir canções autorais, as quais formaram o repertório das primeiras apresentações do coletivo, realizadas em eventos promovidos pela CDC. A medida que os integrantes foram firmando relações com as suas atividades, começou-se a vislumbrar a constituição e oficialização do grupo de música percussiva. Neste ponto, a figura de Descartes Gadelha⁶ foi primordial para a consagração desta organização.

Numa dessas de tocar com a gente, o Descartes se empolgou e

Tutorial (PET-Música), da Universidade Federal do Ceará (UFC). É importante salientar que esta entrevista traz questões fundamentais para a construção do objeto de estudo, porém não faz parte, inicialmente, da pesquisa de mestrado em andamento.

4 Os dados aqui apresentados são parte de uma pesquisa em andamento, com o objetivo de analisar a formação educativa dos membros do grupo de música percussiva Ilê Anu, através de práticas percussivas em coletivo, levando em conta o caráter social dessa atividade e sua sede em uma instituição espírita.

5 Informações encontradas no blog da instituição, disponível em <http://casadacaridadedradolphfritz.blogspot.com> (Acesso: dia 30 de junho de 2021).

6 Considerado mestre de cultura por sua participação criativa e significativa na cultura popular de Fortaleza (CE), quando o assunto é *maracatu* cearense, Descartes Gadelha, doutor honoris causa pela Universidade Federal do Ceará, é referência no estado. O ritmista e artista plástico foi muito importante na instauração das aulas de percussão no centro espírita Casa da Caridade Dr. Adolph Fritz.

me convidou até a casa dele e disse que tinha recebido um presente para dar ao Ilê Anu. E é aí que surge a história do apadrinhamento e o nome Ilê Anu. O nome Ilê Anu foi dado pelo Descartes, que significa Casa da Caridade em iorubá, dialeto africano, e ele fez quase dez letras [de canções] em iorubá para a gente trabalhar, se Deus quiser farão parte do nosso segundo espetáculo. Foi assim o surgimento do Ilê Anu. Aí, já tiveram o rascunho do porta-estandarte, de como ele poderia ser, das cores. Coisas que estão em processo (CATHERINE, 26/08/2017).

A partir desse panorama apresentado, interessei-me em desvendar como o grupo de música percussiva se constitui como espaço para o ensino e aprendizagem musical, e como se instaura o processo pedagógico-musical neste contexto específico de práticas percussivas em um projeto social, parte de uma instituição espírita.

Processo pedagógico-musical no Ilê Anu: Como membro e regente do Ilê Anu, pude observar como os integrantes do grupo aprendiam a tocar os variados instrumentos percussivos disponíveis na CDC, orientados por mim e por outros professores voluntários. Tal prática foi significativa para que eu pudesse, aos poucos, compreender a organização, os conteúdos e a forma das aulas de percussão. Com isto, passei a entender mais sobre o propósito do grupo, idealizado por Catherine. Quanto a forma que lecionava no grupo e a sua proposta, a educadora revela:

O tipo de aula que eu acredito, que é a mesma que eu dou na universidade, eu também dou lá no Ilê Anu, que até então não tinha esse nome. Então, quando eu comecei a dar aula lá, eu fui com o intuito de levar a perspectiva da educação musical, de poder ensinar percussão de uma forma contínua, de levar a sensibilização do corpo, a apreciação musical, e o trabalho de técnica de prática instrumental (CATHERINE, 26/08/2017).

Nesse ponto, temos um vislumbre do que faz parte da concepção do grupo de música percussiva em pauta. Tendo como mote uma formação continuada, os regentes desenvolvem atividades que envolvem o corpo dos instrumentistas de forma integral, buscando, não só a habilidade no manuseio do tambor, como também uma relação aprofundada com a música e a linguagem percussiva. É importante salientar que este propósito alinha-se à instituição que sedia o projeto, sendo assim uma das ações promovidas pela CDC. A partir do entendimento dessas várias camadas que o compõe, o Ilê Anu apresenta-se inserido em um processo pedagógico-musical, no qual fazem parte os encontros semanais, os ensaios e apresentações, que configuram momentos de síntese das relações e das vivências com o fazer musical em coletivo. Com isto, durante sua atividade, os integrantes do grupo conferiram diferentes significados ao seu exercício, ao passo que imputaram valores diversos, alguns que iam além dos aspectos sonoro-musicais da performance. Ao discorrer sobre esse ponto, Catherine aponta que algumas pessoas que participavam das atividades do grupo passaram a comentar sobre suas impressões particulares das práticas percussivas.

Aí, eu comecei a ser alertada que... Eu percebia, mas não percebia muito. Eu sou muito focada na história da aula, mas eu comecei a ouvir das pessoas que aquilo também estava tendo um viés terapêutico. Então, eu comecei a ouvir vários depoimentos do tipo: “antes eu tinha depressão, e aqui eu me sinto bem”; “eu tenho tendência suicida, e aqui faz com que eu não pense mais nisso”; “eu tenho problema de ansiedade”; “tenho síndrome do pânico”, e eu comecei a ver que esses relatos surgiam e essas pessoas sempre apontavam aquele momento da aula de percussão como uma terapia, com um bem-estar muito grande. E estavam falando que aquilo não era só tocar, tinha todo um envolvimento que era para mais do que eles esperavam, porque tinha dinâmica de grupo, que você tinha que respeitar, tinha que entender o tempo de um tocar (CATHERINE, 26/08/2017).

Em relação a este caráter terapêutico, Santos (2009, p. 117-8) aponta que indivíduos que sofrem de doenças que afetam a mente e o corpo, apresentam uma gama de sintomas, com diagnósticos que variam de depressão a quadro depressivo. Assim, as pessoas nestas condições

quando “procuram ajuda, fazem-no em diversos segmentos, não só na medicina oficial mas na terapia alternativa e em diversas religiões”. Aqui, os tratamentos em uma casa espírita surgem como uma destas possibilidades, realizados não sob orientações documentais ou consenso na literatura espírita sobre o assunto, mas de forma autônoma pelas instituições religiosas, cujos procedimentos oferecidos nem sempre são os mesmos.

O que há de comum em todos é a oração, os passes, a água fluidificada e a palestra. A forma da prática e da implementação do ritual dependerá de cada grupo, da orientação dos mentores espirituais e da administração local. A procura por tratamento espiritual no espiritismo se dá em situações as mais diversas, como problemas emocionais, psicológicos, físicos, familiares, mentais, curiosidades, espirituais e/ou materiais (SANTOS, 2009, p. 128).

Após algum tempo de atuação, os encontros do Ilê Anu passaram a fazer parte de uma das opções terapêuticas da CDC.

E por ter esse alcance de musicoterapia, mesmo eu não sendo do ramo da terapia, a Casa da Caridade abraçou mais do que nunca o projeto, e, inclusive, conversando com a Dra. Paula, ela disse que muitas pessoas ela ia encaminhar para as aulas de percussão, que ia fazer parte do tratamento (CATHERINE, 26/08/2017).

A partir desta leitura, percebemos que os processos de ensino e aprendizagem musical dos participantes do Ilê Anu operam para além de uma performance musical neste cenário em estudo. Dito isto, a questão social e humana das suas atividades, inseridas no contexto de uma instituição espírita, revela nuances específicas, através do processo pedagógico-musical, mediado pela música percussiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo pedagógico-musical do grupo Ilê Anu pode ser entendido como parte da dinâmica social, associada ao caráter particular da instituição espírita que o sedia. Ele é composto de momentos focados em sensibilização corporal, apreciação musical, técnica instrumental e performance, e conta ainda com o viés terapêutico de um tratamento espiritual, sugerido por seus integrantes. A experiência musical em coletivo confere aos membros do Ilê Anu a possibilidade de aprender sobre percussão, assim como de formar-se percussionista, membro de um grupo artístico. Junto a isto, os indivíduos buscam por esta vivência por razões diversas, o que reveste os seus encontros regulares de uma intrincada rede de relações sociais, pautadas na música e na coletividade. Assim como na entrevista realizada com Catherine, observo no Ilê Anu um ambiente propício para um fazer musical engajado em uma atuação social e artística, por ser parte de um projeto com este propósito, ao mesmo tempo que se configura como alternativa para se alcançar melhorias nas condições emocionais e espirituais. Por fim, o Ilê Anu é um campo particular, de experiência única, no qual cada batuqueiro traz consigo sua bagagem e a compartilha, construindo em conjunto cada encontro, cada ensaio e apresentação artística, de maneira ativa, como agentes formadores em formação. Assim, intento não encerrar o debate sobre esta questão por aqui. Pretendo contribuir com discussões sobre grupos de música percussiva em diferentes contextos, entendendo que a área é variada, e cujos processos pedagógico-musicais podem elucidar as diferentes relações do ensino e aprendizagem de música.

REFERÊNCIAS

- DA COSTA, M. J. Epistemologia musical e diversidade humana: desafios e contribuições para a formação do indivíduo contemporâneo. In: XIV ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ABEM, XIV, 2016, Cuiabá. Anais eletrônicos... Cuiabá: UFMT, 2016. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/regco2016/regco2016/paper/view/2213>>. Acesso em: 5jul. 2021.
- FORTALEZA, Pingo de. A história e a diversidade rítmica do

- maracatu / Pingo de Fortaleza.- Fortaleza, 2012.
- GUERREIRO, Goli. A trama dos tambores: a música afro-pop de Salvador. São Paulo: Ed.34, 2000.
- KLEBER, Magali Oliveira. A prática musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro. 2006. 355f. Tese. (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MEDEIROS, C. N; Feijó, J. O mapa da extrema pobreza. Texto para discussão IPECE Informe – nº 43 – Outubro de 2012. Perfil Municipal de Fortaleza. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE, Fortaleza, 2012.
- SANTOS, Catherine Furtado dos. Casa Caiada: formação humana e musical em práticas percussivas colaborativas. 2013. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- SANTOS, Genivalda Araújo Cravo dos. O tratamento espiritual no espiritismo: o caso das trabalhadoras em educação de Goiânia/GO. Horizonte: Belo Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 5, n. 10, p. 106-131, 2009.
